

## EU, EGOÍSMO, SOFRIMENTO E AMOR

Nenhuma alma humana pode passar através desta vida sem encarar o mistério do Universo. Se o impulso distintamente humano da curiosidade não nos trouxer a esse ponto, a experiência o fará - sobre tudo, a experiência do Sofrimento.

Ao nos lançarmos em uma busca por uma aproximação dos mistérios do mundo ocidentalizado no meio do século XX, seria bom dar uma olhada antes, nos nossos predecessores do século XVII, que abriram para nós uma visão que nos mantém sob seus efeitos até hoje. Por enquanto, o ser humano não teve sucesso em unificar o todo de suas experiências neste universo no qual ele se encontra. Podemos ver o universo de diferentes ângulos, e em cada um deles, ele se mostra em um aspecto diferente. De um ângulo vemos um universo espiritual; de outro, um universo físico; e de outro, que não esses dois ângulos, podemos abrir um foco que se expande como um dos lados da grande pirâmide. Mas, as nossas aberturas, originadas das duas direções, ainda não se encontraram, e nenhuma das duas aproximações, por si mesma, nos tornou capazes em explorar os mistérios mais que parcialmente; nenhum deles revelou o seu coração.

No meio do século XX, nós, ocidentais, estamos ainda explorando o Universo a partir do ângulo físico-matemático que os nossos predecessores do século XVII escolheram para nós. Para escolhê-lo, eles tiveram que saltar para fora da aproximação espiritual que o Cristianismo havia seguido desde sua primeira epifania, e antes disso, afastar-se dos filósofos helenistas que se seguiram desde Sócrates e também, dos profetas de Israel desde Amos. Esta mudança radical de orientação requisitou dos pioneiros mentais do século XVII no ocidente um grande esforço de vontade e imaginação, bem como um grande esforço de pensamento, e o espetáculo de sua coragem inspirou-nos a seguir seus exemplos, às expensas deles mesmos. O tempo chegou para nós, no sentido de nos lançar para fora da linha físico-matemática do século XVII, e fazer um início renovador no lado espiritual. Agora esta é, uma vez mais, a mais promissora aproximação de ambos, se estivermos corretos em esperar que, na era atômica que se iniciou em 1945, o campo espiritual de atividade, e não o físico, está se tornando o âmbito da liberdade.

Ao assumirmos esse novo processo, se o fizermos, nós poderemos estar atraindo o desapontamento e frustração se não mantivermos em mente, o tempo todo, duas condições limitantes. Devemos perceber que não podemos penetrar diretamente no coração dos mistérios sem seguir uma das linhas de aproximação. Devemos perceber também que não podemos retornar nem para a visão cristã tradicional do universo espiritual e nem para a visão dos filósofos gregos pós-socráticos depois de ter penetrado nos mistérios a partir do ângulo físico-matemático do século XVII. Não podemos apagar esse longo capítulo da história da mente ocidental, e não devemos desejar fazê-lo; ele tem sido bastante fecundo, apesar de suas limitações. Assim, nossa meta deveria ser, não descartar as contribuições de nossos predecessores à nossa herança cumulativa, mas encontrar o lugar correto delas - não lhes conferindo um valor maior que o devido, mas também, não menor. A importância em sermos justos com nossos predecessores consiste em nos colocar a par das conseqüências de suas falhas em julgarem a si mesmos. A meta de nossos predecessores era sair da luta e controvérsia da era precedente, das guerras ocidentais religiosas, mas eles se permitiram ser carregados, para além da sua meta, ao descartar a própria religião junto com o fanatismo religioso. Essa não era a intenção deliberada deles, e foi um desafortunado efeito não

intencionado. Nosso conhecimento posterior, que nos capacita a reconhecer os seus erros, não nos permite repeti-los.

No século XVII a aproximação espiritual conduziu a um pobre e amargo conflito, nascido do veio do exclusivismo e fanatismo do Cristianismo, e este conflito, no plano religioso, foi explorado para propósitos políticos. A retirada do tesouro mental de nossos predecessores do investimento tradicional em valores espirituais, e o reinvestimento dele na exploração e conquista da natureza física, foi uma evidência da força e repulsa ao Pecado Original. Mas o homem não exorciza o Pecado Original fechando sua mente à ele; ele continua mantendo todo o seu poder sobre o tecnologista que ganha crédito primeiro por ser inofensivo e depois por ser útil. Pois o tecnologista é um ser humano e o Pecado Original é endêmico na natureza humana. O repositório do Pecado Original na Era Tecnológica não é a tecnologia em si mas sim o detentor humano da tecnologia. A tecnologia apenas colocou nas mãos humanas uma carga adicional de poderes físicos que podem ser usados tanto para o bem quanto para o mal; e, uma vez que, os seres humanos ainda estão em pecado, como sempre o estiveram, foi colocado uma direção tão potente e terrível no pecado que não podemos permitir que isso vá adiante ignorando e negligenciando o problema da natureza humana. A própria intratabilidade do problema, que nos faz recuar ante a possibilidade de lidar com ele, é um sinal de perigo; o princípio do utilitarismo do século XVII passa a ser substituído pelo conceito de que, para os sucessores do século XX, "o estudo adequado do ser humano é o homem".

Assim, nós, em nossa geração, temos uma razão tão boa quanto nossos antecessores de saltar para fora da aproximação tradicional aos mistérios e recomeçarmos de um ângulo diferente. Assim, em nossa geração, devemos nos permitir colocar o pé no caminho espiritual novamente, mas ao fazermos esse salto, devemos tomar cuidado para não cairmos nos mesmos erros de nossos predecessores. Devemos estar certos de trazer conosco as ferramentas que a ciência experimental e tecnologia forjaram durante estes 200 ou 300 anos; pois seria pouco sábio descartá-las até que possamos descobrir se elas podem ser adaptadas na busca por alcançar nossa meta espiritual, que agora, uma vez mais, se transforma em nosso objetivo.

No capítulo anterior, encontramos que todas as religiões concordam que este objetivo consiste em encontrar a comunhão com a presença por trás de todos os fenômenos e fazer isso com a intenção de sintonizar a nós mesmos com esta Realidade Absoluta. Ao fazermos uma tentativa renovada de nos aproximar desta meta, iremos encontrar um ponto inicial promissor no paradoxo que tem sido revelado em toda a análise penetrante da Natureza humana, qualquer que seja o tempo, lugar e cultura em que a observação foi feita.

"Eu me comprazo na lei de Deus em acordo com o homem interior; mas eu vejo uma outra lei em meus membros, lutando contra a lei da minha mente, e me trazendo cativo à lei do pecado que está em meus membros. A guerra do homem entre sua Razão e sua Paixão ... não há nada além da Razão; as Paixões não existem... não há nada além de Paixões; a Razão não existe... Mas, como o homem possui ambas, ele não pode se libertar desta guerra, uma vez que ele não pode estar em paz com uma delas sem estar em guerra com a outra. Assim, ele está sempre dividido e sempre é seu próprio adversário". (B. Pascal, em Pensées).

"Assim, o homem é o grande e verdadeiro anfíbio, cuja natureza está disposta à vida, e não apenas como outras criaturas em elementos diversos, mas em mundos divididos e distintos." (T. Browne, em *Religio Medici*)

A Natureza Humana é, na verdade, a união de opostos que são, não só incongruentes mas contrários e conflitantes; o espiritual e o físico; o divino e o animal; consciência e subconsciência; altruísmo e egoísmo; santidade e pecado; capacidades ilimitadas e força e tempo limitados; resumindo, grandeza e mesquinhez. Mas o paradoxo não termina aqui. Os elementos conflitantes da Natureza Humana não estão unidos apenas aqui; eles são inseparáveis.

"A grandeza do homem é ímpar porque o homem sabe que é mesquinho. Uma árvore não reconhece sua própria pequenez. Toda essa miséria é prova da grandeza do homem; são as misérias de um grande senhor, as misérias de um rei que foi deposto... Alguém não pode ser miserável a menos que sinta isso. Uma casa em ruínas não é miserável. O homem é a única criatura miserável que existe... Esta ambivalência da natureza humana é tão evidente que algumas pessoas supuseram que temos duas almas; uma personalidade uma parece ser incapaz de tais variações extremas e abruptas, com uma forte tendência a uma prostração espiritual terrível... Se ele se vangloria, eu o humilho; se ele se humilha, eu o vanglorio; de fato, eu o contradigo todo o tempo, até que ele entenda que é uma criatura incompreensível". (B. Pascal, em *Pensées*).

A natureza humana é um enigma; mas a natureza não-humana é um enigma também; e ambos devem ser exemplos da natureza do universo no qual o homem se encontra. É tão razoável explorar o universo de um, quanto o é explorar o do outro. A natureza humana não será considerada na faceta do universo revelado pelos matemáticos e físicos; mas então, eles não serão considerados na faceta revelada pela natureza humana. Não existe nenhum embasamento além de capricho e dano, ao se tratar o aspecto físico-matemático do Universo como sendo mais real em qualquer medida que o aspecto espiritual. O aspecto físico-matemático, assim como o espiritual, é um conjunto de informações da consciência humana. Nossa visão do universo físico não é mais objetiva que a nossa visão de nós mesmos. Nossa experiência da união de opostos conflitantes e inseparáveis na natureza humana, pode explicar mais coisas no Céu e na Terra que apenas o próprio homem. Essa provação de servir como um campo de batalha no qual forças espirituais opostas se encontram e lutam umas contra as outras, pode ser uma característica da natureza, não apenas do homem, mas de toda a vida no planeta. Pode até ser que seja uma característica da natureza de Deus, se usarmos o nome tradicional do aspecto pessoal da Realidade Absoluta. Em qualquer caso, uma amostragem humana do universo é tão útil quanto qualquer outra.

Esta amostragem humana indica que o universo é uma sociedade de eus, além de ser o conjunto de ondas e partículas que vemos através das lentes dos físicos e matemáticos; e numa sociedade de eus certamente existirão desejos e sofrimentos. E assim deve ser, porque um eu não pode estar contido em si mesmo. Ele não pode ser uma ilha e nem pode abarcar em si a soma total de eus e coisas. Se ele não estiver consciente das coisas e eus fora dele, ele não pode estar consciente dele mesmo; e consciência é uma das marcas do eu. Mas, sendo assim, se um eu não pode nem repelir o resto do universo e nem anexá-lo a si, então duas outras marcas características do eu devem ser as experiências do anseio e do sofrimento. Um eu está fadado a ansiar por outros eus ou coisas externas a ele, de cuja presença ou existência ele está consciente. No entanto, este

anseio geralmente está fadado a ser contrariado, uma vez que a satisfação dele jaz apenas parcialmente no poder do eu através do qual ela é sentida; e onde há frustração, há dor. A inseparabilidade do desejo e sofrimento do eu é atestado pela experiência universal do gênero humano, e todas as religiões maiores concordam em assumir esta experiência como um fato garantido. Mas, elas diferem umas das outras, em suas políticas em lidar com o problema prático que surge deste fato indiscutível - e este problema prático não pode ser evitado. Um ser humano pode talvez isolar sua mente do problema intelectual do mistério do universo, mas isto não é de ajuda no anseio e no sofrimento; e uma religião que não tem nada a dizer a seus adeptos acerca desses sentimentos irá soar de maneira vazia.

Vamos olhar para a diferença entre a orientação do Hinayana e das outras religiões maiores (n.t. - o Hinayana e o Mahayana são linhas do Budismo). Esta diferença não surge no diagnóstico dos fatos. A inseparabilidade do eu, desejo e sofrimento não é questionada. A diferença na orientação surge na diferença da valorização dos fatos; porque valorizações diferentes do mesmo fato produzem respostas diferentes para a questão: qual deveria ser o principal objetivo do homem na situação perplexante na qual ele se encontra?

O orientação Hinayana começa com um julgamento de valor onde o Sofrimento é o maior dos males. Desta premissa se segue que uma diminuição no Sofrimento deveria ser o maior dos bens; e desta conclusão, por sua vez, segue-se que o maior objetivo do homem deveria ser extinguir o Sofrimento a qualquer preço. O preço, por sua vez, não é nada menos que a extinção do eu; porque o Sofrimento não pode ser eliminado sem a extinção do desejo e quando o desejo é extinto, o eu se extingue junto com ele. Os oponentes do Hinayana não negam que esta prescrição para extinguir o Sofrimento seja efetiva. O que eles negam é que o objetivo do Hinayana seja o correto para o homem atingir sua meta última, e eles negam isso porque eles discordam do postulado inicial do Hinayana, de que o Sofrimento é o maior dos males. Segundo eles, os praticantes do Hinayana estão errados na valorização dos fatos da natureza humana porque não penetraram profundamente o bastante em sua diagnose.

"Uma religião não pode ser verdadeira a menos que ela atinja um verdadeiro conhecimento de nossa natureza. Ela teria que ter atingido um conhecimento da grandeza e pequenez do homem, e um conhecimento da razão destas características. Qual outra religião atingiu isso além do Cristianismo?" (B. Pascal, em Pensées).

Parece que, quando Pascal pensou nisso, ele deveria ter tanto o Budismo quanto o Cristianismo em mente. E mais, seu pensamento é, no mínimo, uma crítica inconsciente ao Hinayana e uma recomendação ao Mahayana, assim como uma consciente recomendação também ao Cristianismo. O Cristianismo e o Mahayana atingiram sua organização começando com a distinção, que o Hinayana não faz, entre desejos de dois tipos diferentes e por apreciar os dois de forma tão diferenciada que eles os colocam em opostos extremos em suas escalas de valores.

De acordo com o diagnóstico Mahayana-Cristão, existem desejos egóicos, no qual o eu anseia por objetos externos a si mesmo simplesmente para aproveitar destes objetos para a satisfação pessoal de sua própria ganância; e, quanto a isto ser uma questão de desejos egóicos, os cristãos e o Mahayana não diferem entre si. O conselho comum é: "extingua-os". A diferença na organização surge quando ambos diagnosticam outro tipo

de desejo, que não é egóico, mas ao contrário, conduz ao sacrifício do eu. O sacrifício do eu significa não a extinção interesseira do eu, mas a devoção amorosa ao serviço de outros às expensas de seja qual for o Sofrimento que este serviço acarrete.

Quando alguém entra neste caminho de devoção ao eu, ele passa a lidar com o objeto de seu anseio, não como se esse "algo" fosse um jogo prazeroso, mas como o "ele" sacrossanto porque este "ele" é um outro eu. Por sentir um desejo por este tipo de devoção, o eu amoroso trata o universo como um conjunto de eus iguais a si mesmo; sentir um desejo do tipo egóico significa tratar todas as coisas do universo, externas a si mesmo, como um conjunto sem alma de ondas e partículas. É um fato experimental que cada eu humano pode e tem desejos desses dois tipos, e que ambos não são apenas diferentes, mas pólos opostos de uma escala espiritual. Aqui nós temos uma clara manifestação da união paradoxal, na natureza humana, de opostos conflitantes e inseparáveis. E a batalha incessante que é uma característica inescapável da vida humana neste mundo é, na verdade, uma batalha por extinguir nossos desejos egóicos e por seguir o comando de nossos desejos devocionais qualquer que seja o preço. E o preço passa a ser o Sofrimento num grau extremo. A dor quando expomos a nós mesmos ao Amor é ainda maior que a dor à qual nos expomos através da Culpa. No julgamento do Cristianismo e do Mahayana, até o Sofrimento mais extremo é um preço pequeno a pagar para seguir o caminho do Amor; porque, no julgamento deles, o Egoísmo e não o Sofrimento, é o maior dos males e o Amor, e não o alívio para o Sofrimento, é o bem maior.

Uma visão resumida das maiores religiões vivas nos leva a confrontar com duas diferentes organizações para a conduta da vida humana, baseadas em dois diagnósticos diferentes da natureza do homem e do universo. Qual desses dois diagnósticos se aproxima mais da verdade? E qual dessas duas políticas nos aproximará mais do verdadeiro fim do homem?

Se um inquiridor do século XX, trazido da tradição cristã, fosse chamado para responder essas questões da melhor forma que ele pudesse, sem dúvida, ele iria declarar-se a favor do Cristianismo e do Mahayana e contra o Hinayana. Ele acharia o diagnóstico dos Hinayana superficial em sua falha em distinguir os desejos egóicos dos devocionais. Ele iria achar que este diagnóstico superficial conduziu à uma valorização e prescrição errôneas; e ele poderia argumentar que a política do Hinayana é também impraticável porque, como ele a vê, ela seria refutável. Como poderia um eu colocar-se a si mesmo para extinguir o desejo sem sentir um desejo por fazê-lo? Por outro lado, como ele poderia obter sucesso em extinguir o desejo, uma vez que o desejo por extinguí-lo permanece não-extinto? Não terá o candidato ao Nirvana embarcado numa viagem na qual ele está fadado a malograr em seu próprio desígnio? Ele não terá colocado a si mesmo numa condição de alguém que sofre de insônia e isto faz com seja impossível para ele dormir por desejar tão ansiosamente que o sono o domine? O que ele deseja é perder-se conscientemente, e o que impede seu desejo é o próprio ego. Isto conduz à afirmação que o desejo básico do Hinayana pelo Nirvana é um desejo egóico. Para ele, na sua busca por separar-se, cada outro eu do universo é, não um "tu" a ser amado, mas um "algo" a ser repudiado; e um desejo que trata as pessoas como se fossem coisas é egóico, mesmo quando o único uso que se tem para elas é mantê-las longe.

Neste ponto, a crítica em direção ao Hinayana pode ser mudada do cristão para um Mahayana. Este crítico budista do Hinayana poderia citar a evidência das escrituras do próprio Hinayana e poderia argumentar que o Mahayana, e não o Hinayana, seria o Budismo do próprio Buda. As escrituras Hinayana pretendem serem registros diretos das práticas e pregações do Buda; e, se estes são verdadeiros, estaremos inclinados a afirmar que o Buda não estava pregando aquilo que ele praticava. Na exortação de que a meta última do homem deveria ser a auto-extinção, ele recomendava um curso de ações que ele havia rejeitado para si mesmo quando a Tentação, depois de sua Iluminação, sugeriu à ele que ele deveria entrar no Nirvana sem demora. Ao contrário, ao escolher deliberadamente postergar sua própria libertação do Sofrimento no sentido de trabalhar para o alívio de seus próprios companheiros, o Buda declarou, com um ato positivo, que, ele acreditava que sofrer pela causa do Amor era melhor que aliviar a si mesmo do Sofrimento através da auto-extinção. Mas quando a questão é qual é o verdadeiro objetivo do homem, o que é correto para alguém deve ser correto em si mesmo e ainda, ser correto para qualquer pessoa. Assim, ao fazer sua escolha, o Buda estava pregando através de um exemplo; e este exemplo que ele deu, através de sua forma de vida, deve contar mais do que o ensinamento atribuído a ele. Mesmo se ele tivesse recomendado em seu ensinamento uma busca egóica de auto-extinção, ele estava tacitamente contrapondo suas palavras com seu ato de amor devocional ao Eu. Estes atos, que inspiraram o ideal Mahayana do bodhisatva, parecem também ter tido mais influência que o ensinamento de Buda no espírito e conduta da vida cotidiana nos países que adotaram o Budismo Hinayana.

A imagem, montada por nós a partir das escrituras dos Hinayana, do Buda resistindo à tentação tem um contraponto na passagem da Epístola de São Paulo aos Filipenses que já citamos. Aqui, nós temos a imagem de um eu, que, como o Buda depois da Iluminação, encontrou a si mesmo numa posição extraordinária de ser completamente o senhor da sua situação. Como Ghautama Buda, Jesus Cristo tinha em seu poder ser imune ao Sofrimento para sempre. Ele descobriu a si mesmo como "existindo na forma de Deus" e "em semelhança com" Ele; e um eu que está nesse estado divino de existência não pode ter nenhum desejo rejeitado e nem pode ser exposto à dor do desapontamento. Como o acesso do Buda ao Nirvana, a apoteose de Cristo ao Céu deve ser entendida como "uma recompensa a ser recebida"; mas, como o Buda, Cristo resistiu a tentação. Ele escolheu deliberadamente pelo Sofrimento que é inseparável do Ser - e este é o Sofrimento extremo para o qual o eu se abre quando sua paixão é regida não pela culpa, mas pelo Amor.

Ao resistir a tentações idênticas, Cristo e Buda revelam, através da ação, uma verdade idêntica sobre o eu. Um eu é um talento que deve ser usado. Retirá-lo de circulação por enterrá-lo ou fundi-lo pode ser contrário ao propósito para o qual o talento foi forjado. Isto é verdadeiro não só para os eus ordinários; é também verdadeiro para um eu iluminado como o de Jesus Cristo. O eu é inseparável do Sofrimento, mesmo para um eu que tenha alcançado uma união perfeita com a Realidade Absoluta e mesmo para a própria Realidade Absoluta, cujo aspecto pessoal nomeamos de Deus.

"O que é Deus? Para o homem, Deus significa ajudar o próximo" (Plínio, o Ancião em *Historia Naturallis*).

"O Amor é de Deus... Nisto está o amor, não que amamos a Deus, mas que Ele nos ama... Se amamos o outro, Deus mora em nós e seu amor é perfeito em nós... Deus é amor, e aquele que mora no amor mora em Deus, e Deus nele." (João, 4)

Assim quando um budista Mahayana ou um cristão compara o Hinayana com sua própria fé, ele irá provavelmente chegar à conclusão que sua própria fé é a melhor. Ela fornece um insight mais profundo do mistério do Universo e traz um ideal superior para os seres humanos, relacionado com o que eles deveriam fazer consigo mesmos. Se esta é a conclusão do cristão, qual seria a ação decorrente que ele deveria adotar neste mundo no qual a "aniquilação da distância" pela tecnologia está trazendo todas as religiões maiores para uma relação mais próxima umas das outras? Seu primeiro impulso deveria ser agir como aqueles que "convencidos de serem justos, desprezavam os outros"; e ele poderia encontrar muitos outros precedentes para isto na história do Judaísmo e Islamismo, bem como na do Cristianismo, embora estes precedentes sejam preocupantes. Para a estrutura dos Fariseus este foi o pecado costumeiro frente à religião da família judaica, e este pecado teve conseqüências numa série trágica de atrocidades e catástrofes. A fruta dos fariseus é a intolerância; a fruta da intolerância é a violência; e o preço do pecado é a morte. O pecado e a morte das guerras católico-protestantes no ocidente foi o mal que moveu nossos predecessores ocidentais do século XVII a estabelecer a tolerância religiosa em nome da caridade cristã. Em nossa época, temos visto o hábito aparentemente instituído de tolerância, que herdamos de nossos predecessores, ser minado pelas ideologias seculares que não retiveram nada da tradição religiosa ocidental, exceto o fanatismo e seletividade fariséias.

Se ainda nos encontrarmos tentados a voltar para a trajetória tradicional e conservadora dos fariseus, podemos fortalecer a nós mesmos contra esta tentação recolhendo várias verdades, muitas das quais nos remetem à caridade.

O embasamento de uma religião consiste no sucesso ou fracasso, não meramente em divinizar as verdades e interpretar os conselhos, mas em ajudar as almas humanas a tomar essas verdades em seus corações e colocar os conselhos em prática. Assim a última palavra não foi dada sobre a religião quando aceitamos ou rejeitamos a definição dela da natureza da Realidade e do verdadeiro objetivo do homem. Temos também que olhar para dentro da vida cotidiana de seus adeptos e ver o quanto, na prática, a religião deles os tem ajudado a superar o Pecado Original do egoísmo do homem. Esta é uma questão a qual toda a religião tem que se sujeitar. E um cristão que rejeitar a visão dos Hinayana da Realidade Absoluta e sua política para lidar com a vida humana irá condenar os Hinayana ao perigo, se seu julgamento abstrato adverso não tiver sido confirmado pela experiência pessoal do ambiente espiritual do mundo dos budistas Hinayana. Se ele não for convencido, através de uma observação direta, que os seres humanos estão levando uma vida pior sob o Hinayana que sob o Cristianismo, não lhe será autorizado afirmar que sua religião é a melhor das duas.

Acreditamos que nossa própria religião é o caminho e a verdade, e esta crença deve ser justificada. "Nós conhecemos as partes" e "vemos através de um vidro escurecido." Quando a luz brilhou na escuridão, o universo permaneceu ainda assim, como um mistério.

"O coração de tão grande mistério não pode ser alcançado por uma única via". (Q. A. Symmachus em Uma controvérsia com Santo Ambrósio). Mesmo que fosse verdade

que as outras religiões são menos verdadeiras que a nossa, isto não significaria que elas não possuem verdade alguma; e a verdade que elas contêm pode ser a verdade que falta à nossa própria religião. O argumento de Symmachus para a tolerância nunca foi respondido por seus oponentes cristãos. A supressão forçada da sua religião ancestral pelo exército secular de um Governo Romano Cristão não tinha resposta. E ele ainda não foi silenciado; pois, embora a religião ancestral de Symmachus tenha sido há muito extinta, o Hinduísmo vive hoje para falar por ele.

No mundo no qual nos encontramos hoje, os adeptos das diferentes religiões remanescentes deveriam ser os primeiros a tolerar, respeitar e reverenciar as heranças religiosas uns dos outros porque, em nossa geração, não há ninguém que esteja efetivamente numa posição de julgar sua própria religião e a de seu vizinho. Um julgamento efetivo é impossível quando alguém compara uma religião que lhe é familiar em sua casa desde a sua infância, com uma que lhe é externa. A religião ancestral está fadada a ter muito mais poder sobre os sentimentos pessoais, de tal forma que o julgamento de alguém sobre esta e qualquer outra religião não poderá ser objetivo. Nosso impulso em julgar deve ser refreado até que a "aniquilação de distância" da física tenha tido tempo para produzir os efeitos psicológicos esperados. Um tempo chegará quando a herança local das nações, civilizações e religiões historicamente diferentes irão se aglutinar numa herança comum de toda a família humana. Se este tempo realmente chegar, um julgamento efetivo entre as diferentes religiões pode então, no mínimo, começar a ser possível. Talvez estejamos vislumbrando esta possibilidade, mas certamente, ainda não estamos próximos dela.

Enquanto isso, todas as religiões vivas estão sendo colocadas frente a um teste prático: "é pelos seus frutos que os reconheceréis." O teste prático de uma religião, sempre e em todos os lugares, é o seu sucesso ou fracasso em ajudar as almas humanas a responder aos desafios do Sofrimento e Pecado. No capítulo da história do mundo, no qual estamos agora entrando, parece que o progresso continuado da tecnologia acabou por tornar nosso sofrimento mais agudo que antes, e nossos pecados mais devastadores nas suas conseqüências práticas. Este deverá ser um tempo de testes, e se formos sábios devemos esperar pelo veredicto.

Se sentimos que não podemos concordar em esperar pelo Tempo para fazer seu trabalho discriminante, estamos confessando uma falta de fé na verdade e valor de nossa religião. Por outro lado, se nós temos fé, não devemos temer que nossa religião irá falhar em ajudar as almas humanas a entrar na comunhão com a presença por trás dos fenômenos e a trazer a nós mesmos em harmonia com esta Realidade Absoluta. Esta missão das religiões superiores não é competitiva; é complementar. Podemos acreditar em nossa própria religião sem sentir que ela é o único repositório da verdade. Podemos amá-la sem sentir que ela é a única que traz a salvação. Podemos carregar as palavras de Symmachus no coração sem sermos infiéis ao Cristianismo. Não podemos fechar nossos corações contra Symmachus sem fechá-lo também a Cristo. Porque o que Symmachus está pregando é a própria caridade cristã.

"A caridade jamais passará; quanto às profecias, elas desaparecerão; quanto às línguas, cessarão; quanto à ciência, também desaparecerá". (Corintios,1.)

A. Toynbee (1956) *An Historian's Approach to Religion* (cap.XX)  
Publicado no Tentáculo - Tradução: NoKhooja